

“ENTÃO SIM, HOJE IREMOS FALAR DE HISTÓRIA”: PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA NO CANAL *NOSTALGIA* (2016 - 2022)

“SO YES, TODAY WE WILL TALK ABOUT HISTORY”: PRODUCTION AND DISSEMINATION HISTORICAL ON THE *NOSTALGIA* CHANNEL (2016 - 2022)

André Wesley Barbosa Oliveira¹

Wanderson Ramonn Pimentel Dantas²

Resumo:

O presente artigo analisa o canal *Nostalgia* e sua difusão de conteúdos históricos, tomando o *YouTube* como ambiente de disputa narrativas e usos do passado. A pesquisa examina vídeos da playlist *Nostalgia * História* (2016-2022) sob a lógica do consumo acelerado de informações, o que pode gerar compreensão superficial e refletir a crise da experiência social do tempo. Estando metodologicamente amparada nas Humanidades Digitais, utilizamos ferramentas como *YouTube Data Tools* e *Polymer* para desenvolver a análise quantitativa e qualitativa para avaliar interações, engajamento e profundidade dos temas. Fundamentados teoricamente na história pública digital a partir de Malerba (2014) e Noiret (2015), o estudo discute a mídia digital na produção histórica e seu impacto na percepção pública sobre a história.

Palavras-Chave: História; Canal Nostalgia; *YouTube*; História Pública Digital;

Abstract:

This article analyzes the contribution of the *Nostalgia* channel to the dissemination of historical content, investigating *YouTube* as an environment for contesting narratives and uses of the past. The research examines videos from the playlist *Nostalgia * History* (2016-2022) under the logic of accelerated consumption of information, which can generate superficial understanding and reflect the crisis of the social experience of time. Being methodologically supported by Digital Humanities, we use tools such as *YouTube Data Tools* and *Polymer* to develop quantitative and qualitative analysis to evaluate interactions, engagement and depth of themes. Theoretically based on digital public history from Malerba (2014) and Noiret (2015), the study discusses digital media in history production and its impact on the public perception of history.

Keywords: History; Nostalgia Channel; *YouTube*; Digital Public History.

Então, a luta contra-atualista é justamente mostrar: a História é um campo aberto à indeterminação. Todas essas narrativas são possíveis e necessárias dentro de um certo limite, óbvio: não há narrativa histórica possível com base em fatos que não existiram, mas elas tendem a se colocar como uma única história. Aí é que entra o trabalho do historiador de mostrar que é apenas uma história possível, não a única.

Valdei Lopes de Araujo³

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Dra. Josefina Demes (Floriano - Pi). E-mail: andrewesleybo@aluno.uespi.br.

² Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (PPGH-UFC). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI). E-mail: wandersonrpd@gmail.com.

³ Entrevista concedida a Rafael Dias de Castro e Thamara de Oliveira Rodrigues. In: CASTRO, Rafael Dias de; RODRIGUES, Thamara de Oliveira (ed.). **História Pública e teoria da História**. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 196.

INTRODUÇÃO

Durante minha formação no Ensino Médio (2018-2021), o “clima” político se mantinha saturado pela disputa política entre Fernando Haddad e Jair Bolsonaro que culminou na vitória eleitoral do último candidato. Lembro que nesse período, fiz parte de um grupo de amigos próximos cujo tempo também era dedicado a discutir nosso futuro e, consequentemente, o futuro do país. Éramos adolescentes ávidos por participação política e defendendo nossos anseios, a nossa principal fonte de notícias somados aos nossos principais argumentos, advinham do *Youtube*. Discutíamos aspectos políticos, econômicos e proporcionando entretenimento, um dos canais que mais consumimos foi o *Nostalgia*. A posição de “neutralidade” ostentada na construção dos argumentos foi algo que nos chamou atenção, mas, até que ponto o conteúdo foi “neutro”? Ou melhor, seria possível tornar-se?

O ingresso na graduação somando às atividades desenvolvidas nas disciplinas de Prática e Estágio, possibilitou notarmos que o *YouTube* vem se tornando uma realidade nas instituições escolares. Mais do que pelos alunos, tornou-se, também, instrumento pedagógico, acima de tudo, como ferramenta de revisão para provas. Por seus vídeos mais adaptados às novas linguagens e seus recursos visuais mais atrativos, a plataforma garantiu seu lugar entre os estudantes com usos diversos (Rosenzweig, 2022).

Fruto da “cibercultura” (Lévy 2009), nos anos 2000 o surgimento de espaços de socialização e debate se ampliaram sem precedentes (Nicodemo *et al.*, 2022). Funções e métodos anteriormente assegurados passaram a ser questionados e ganharam com isso novos significados e novos sujeitos. E como reflexo direto, pudemos perceber com mais clareza o desenvolvimento dos projetos de história pública, que não são frutos do nosso tempo imediato, mas ganham força nesse contexto. As iniciativas de história pública começaram nos Estados Unidos impulsionadas por uma crise empregatícia dos historiadores acadêmicos — profissionais — (Cauvin, 2019) e espalharam-se mundialmente observando particularidades. Na Inglaterra, por exemplo, se desenvolveu com uma relação intrínseca ao estudo dos patrimônios (cf. Liddington, 2011).

Como característica, tem a memória latente como pilar. Por isso, é a partir das possibilidades introduzidas pela História do Tempo Presente que essa prática se materializa, apegada ao testemunho e a oralidade, surgindo após a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Eis aí o meio que possibilitou à BBC desenvolver produções de representação histórica, juntamente com as literaturas de testemunho que ampliaram as narrativas sobre o passado para além das produzidas academicamente. No Brasil, a prática passou a se desenvolver sobretudo

desde o período da redemocratização pós-ditadura. Ganhando mais força a partir da instituição da Comissão Nacional da Verdade, como da constante insatisfação política que se materializa com as manifestações de 2013.

O conceito de História Pública ainda é problemático na historiografia brasileira, apesar do aumento de profissionais dedicados ao tema ultimamente. Um dos motivos é a forma como o debate em torno dela tem flutuado entre os “extremos”: fazendo com que oscile entre a democratização e a vulgarização. O que defendemos por História Pública, no entanto, não se baseia em um movimento de abandono da academia, muito menos na constatação do direito da mesma sobre o passado. É, antes, a defesa de que os diversos sujeitos devem estar presentes na construção da história. A manifestação de que nenhum grupo tem exclusividade sobre o passado, ao mesmo tempo em que assegura que quem deseja se voltar a ele, deve ter o comprometimento ético, social e político que lhe é devido.

Um dos espaços que possibilitam essa prática, sem dúvida, é o *YouTube*. O próprio papel da história e do historiador estão sendo repensados a partir das funcionalidades da ferramenta, fruto das novas formas de interação e experiência social:

A prática historiográfica contemporânea tem cada vez mais se aberto para modos de produção do conhecimento e de saberes históricos que excedem os protocolos formais, conteúdos e públicos ligados à história disciplinar moderna. Ao longo do século XX e XXI, a emergência de novos modos de se relacionar com a temporalidade (para além da configuração linear, progressiva e processual própria ao século XIX) impõe à história um tensionamento com suas predileções canônicas. Esse processo exige da disciplina o encontro com modos de se relacionar com a historicidade, com sujeitos, procedimentos metodológicos, de escrita, de ensino, com afetos e públicos que ficaram latentes ou à margem e que, hoje tem transformado expressivamente as funções epistemológicas, sociais e ético-políticas da disciplina (Castro; Rodrigues, 2024, p. 7).

Castro e Rodrigues (2024) indicam que a historiografia tem se aberto a novas formas de criar conhecimento histórico, rompendo com os padrões formais da história disciplinar do século XIX. Este movimento traz à luz indivíduos, técnicas e públicos anteriormente excluídos, alterando as funções da disciplina. Portanto, é crucial examinar a relação dessas alterações com as tecnologias digitais, que redefinem os métodos de acesso, produção e circulação do passado. Entender essas conexões é crucial para compreender como a história se molda e influencia o mundo atual. “Entende-se que a internet criou outras maneiras de consumir conteúdo, públicos mais exigentes e pressionou os profissionais a se reinventarem [...] aos que não se reinventaram, o mercado deixou de escanteio” (Lima e Silva; Ferreira *et al.*, 2023, p. 14). O canal *Nostalgia* é o centro desta investigação, sendo uma ferramenta essencial na propagação de informações, destacando-se devido a sua relevância e foco em questões históricas e populares.

Pretendo focar, portanto, na análise dos vídeos, tomando para isso a própria playlist do canal intitulada: “*NOSTALGIA * HISTÓRIA*”. Os vídeos assumidamente comprometidos em alimentar uma narrativa histórica, começaram a ser publicados em 2016 e continuam atualmente. A *playlist* conta hoje com 24 vídeos, dos quais 11 serão utilizados como fonte para entender a forma como o conteúdo é produzido e propagado neste espaço. Por uma questão metodológica, houve a preferência por nos voltarmos ao intervalo de 2016 a 2022, tomando os vídeos enquadrados nas categorias *política* e *sociedade*. Tanto para observar se o discurso “neutro” do apresentador se mantém após a mudança de governo, como também, pela grande quantidade de vídeos que necessitam de um espaço maior para serem analisados na íntegra.

Estudos a partir de canais do *Youtube* têm ganhado força na atualidade, no entanto a maioria ainda se volta para as áreas de comunicação, publicidade, marketing e jornalismo. O próprio canal *Nostalgia*, devido sua popularidade foi objeto de algumas pesquisas, como as seguintes: Luciano Souza (2018), Adriana Santos e Amanda Xavier (2021), Everton Silva, Andréa Ferreira e Gustavo Santos (2023) e, por fim, a investigação da Andreia Rosa (2018), da área da história e levanta questões significativas para nossa discussão. No período em que Rosa desenvolveu sua pesquisa, a *playlist* possuía apenas 4 vídeos, sendo o foco e a fonte da autora apenas o vídeo sobre Adolf Hitler, buscando, segundo ela, analisar como o apresentador Felipe Castanhari “se apropria do passado”, além das “estratégias escolhidas pelo autor para montar o vídeo, desde a linguagem, até o uso da trilha sonora” (Rosa, 2018, p. 11 - 12).

Dito isso, o atual estudo se diferencia por ampliar o foco sobre os vídeos analisados. Busca-se perceber como essa nova “forma” de produção histórica e seus desafios emergentes — que representam o reverso dessa dinâmica —, é moldada pela lógica de mercado neoliberal. Ademais, pretende-se compreender de que maneira o conteúdo gerado pelo canal, amplamente aceito pelo público, impacta a percepção histórica do público.

Ao analisar os relatos históricos (como as histórias da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o Brasil depois da abolição, a história por trás do 11 de setembro) produzidos e compartilhados nesta plataforma, busca-se entender como esses relatos favorecem o surgimento de uma nova forma de consumo da história, marcada pela exigência de rápida disseminação, reiterando mais uma vez a preocupação contemporânea com a produtividade, caracterizando uma operação “historiográfica neoliberal” (Turin, 2019 p. 265). Resultando em uma cultura de valorização da rápida difusão do conhecimento e da valorização da quantidade em detrimento da qualidade.

A adequação a essa lógica de consumo se reflete na explosão crescente de adesão ao canal. Que atingiu os 100 mil seguidores dois anos após o início das atividades (2013),

atingindo a casa do milhão três anos depois (2014) e os 10 milhões apenas 6 anos após o início (2017).

A divulgação do canal se faz para uma grande audiência, e — possibilitado pelo caráter participativo da rede, a comunidade e pela oportunidade de interação, como os comentários — com a participação da mesma. Considerando esse aspecto, o processo de análise das fontes foi dividido em três fases fundamentais: coleta de dados, análise quantitativa e análise de conteúdo. Estando, ainda, enquadrada em uma abordagem de História Pública Digital. Além disso a própria fonte é nato-digital e para a extração e análise de dados, foram também usadas ferramentas digitais. Vale ressaltar que:

Para a História do Tempo Presente, a Era Digital a presenteou com um manancial de fontes e de possibilidades de exposição do conhecimento, então fruto do ofício de seus historiadores dedicados, mas colocou igualmente em seu colo o peso da imperativa necessidade de mudança, adaptação e criação de novos meios, novas ferramentas e novos métodos (Nicodemo *et al.*, 2022, p. 79 – 80).

Na fase inicial, dedicada à obtenção de dados, foram reunidas informações fundamentais e imprescindíveis de cada vídeo, como o título, a data de publicação, a duração, o total de visualizações, o número de likes e a quantidade de comentários, por meio da ferramenta *YouTube Data Tools*.

A fase seguinte concentrou-se na análise quantitativa. Neste momento, os dados reunidos foram processados estatisticamente para reconhecer padrões e tendências ao longo do período analisado (2016 - 2022) através da ferramenta *Polymer*. Sendo efetuadas comparações entre a quantidade de visualizações, likes e comentários dos vídeos, além de se avaliar a duração média dos vídeos a cada ano, o que possibilita perceber a evolução e possíveis variações desses indicadores ao longo do tempo. Essas informações proporcionam uma visão detalhada do engajamento dos usuários e da popularidade dos vídeos ao longo dos anos, permitindo identificar eventuais tendências, como o aumento ou diminuição das interações.

A última fase consistiu em uma avaliação detalhada do conteúdo histórico, que incluiu uma análise dos tópicos discutidos nos vídeos da playlist. Concentrando-se em reconhecer a variedade dos temas históricos abordados, a profundidade da exploração de cada assunto, a clareza e a acessibilidade das narrativas e os usos que são feitos do passado.

O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE DISPUTA DE NARRATIVAS E USOS DO PASSADO

Pensar o *YouTube* como um ambiente relevante para a história só é possível na medida em que entendemos as características que fundamentam o seu próprio modo de operar enquanto

plataforma participativa (Burgess; Green, 2009). Nesse ambiente, diversas interpretações são defendidas e espalhadas, muitas vezes em conflito, evidenciando uma mudança das maneiras convencionais de transmissão da memória para um ambiente mais disperso e fragmentado. Pierre Nora (1993) defende que os “lugares de memória” emergem como uma reação à degradação das formas tradicionais de memória, isso nos possibilita enxergar o *YouTube* como um lugar/espaço, porém, “virtual” (Lévy, 1996), um ambiente onde a narrativa histórica se desvincula das instituições formais e é reapropriada por diversos atores, moldados por interesses de uma “cibercultura” (Lévy, 2009).

O conceito de Espaço Virtual pode ser entendido, nesse sentido, como um ambiente dinâmico onde a memória e a produção histórica não se limitam a ser armazenadas, mas também sofrem transformações constantes. Ao contrário dos locais de memória convencionais, como arquivos, monumentos e museus (Nora, 1993), que se baseiam na preservação do passado em suportes físicos, o ambiente virtual se destaca pela não territorialização e pela atualização contínua dos conteúdos. De acordo com Pierre Lévy (1996), a virtualização não representa apenas uma perda de realidade, mas uma reconfiguração do conhecimento mediada por novas formas de interação social e tecnológica.

A proposta de Henri Lefebvre (2013) sobre a geração do espaço é útil para fundamentar o debate. Segundo o autor, o espaço não é um elemento neutro, mas sim um produto das relações de poder e das práticas sociais que o moldam. Nora (1993) aborda a desintegração da experiência histórica e a demanda por novas referências. No *YouTube*, essa desintegração se manifesta na transformação da história em material audiovisual moldado para aumentar a ampliação do público.

No contexto da plataforma, o espaço onde as produções circulam não é aleatório; ele é organizado por algoritmos que ajustam a visibilidade do conteúdo com base em indicadores de engajamento. Dessa forma, certas perspectivas ganham destaque, enquanto outras ficam à margem. Esse processo ilustra as dinâmicas do mercado digital, além de impactar na maneira como o público interage com o conteúdo produzido. Os sistemas de sugestões personalizadas costumam reforçar narrativas anteriormente consumidas pelos usuários, o que pode levar à reprodução de versões unilaterais da história.

As preferências adquiridas são fruto de um “colonialismo de dados”, inserido no âmbito mais amplo do “colonialismo digital” (Faustino, Lippold, 2023), onde, segundo Silveira (2019, p. 23), “a aquisição de dados se transforma na aquisição de subjetividades”, implicam que a produção de conteúdo transcende a mera comunicação, configurando-se também como uma disputa pela atenção dentro de um mercado. Esse fenômeno amplia o alcance de conteúdos que

confirmam perspectivas já estabelecidas e, em alguns casos, facilita a disseminação de leituras revisionistas e negacionistas.

A globalização do *YouTube* possibilita a transposição de narrativas históricas para diferentes culturas, mas também perpetua assimetrias de poder. Por exemplo, os criadores do Sul Global têm a capacidade de reinterpretar eventos coloniais, porém encontram obstáculos algorítmicos que dão prioridade a conteúdos em inglês ou provenientes de grandes mercados. Esta contradição entre a descentralização e a centralização indica que a plataforma, apesar de aparentar ser democrática, ainda espelha estruturas geopolíticas que marginalizam determinadas vozes, como apontam Deivison Faustino e Walter Lippold (2023).

A influência dos algoritmos se entrelaça com o modelo econômico da plataforma. Criadores de conteúdo são incentivados a produzir vídeos com o objetivo de elevar a retenção do público, implementando abordagens que visam aumentar o engajamento. Esse processo, redireciona o foco de análises para formatos de grande circulação. Assim, se estabelece um ciclo produtivo que molda a visibilidade e a monetização⁴, além de organizar os métodos de produção:

Disposto a manter os usuários pelo mais longo tempo possível no site para, com os dados de audiência, pleitear anúncios e gerar receita, o *YouTube* recomenda os vídeos para seus usuários com base na suposta afinidade entre um conteúdo visto e o conteúdo a ser recomendado (Rodrigues, 2019, p. 88).

A intrincada relação entre história, mídia e ensino se apresenta como um misto de desafios, possibilidades e tensões que não podemos deixar de problematizar. Dentre as vantagens da plataforma, a ampliação do acesso ao que é produzido, reforçando o aspecto “democrático”, ganha destaque. Segundo o *DataReportal*⁵ o *YouTube* foi eleito a segunda rede social mais usada de 2023 e com base no levantamento deste ano, se mantém. Ocupando a primeira posição no alcance potencial dos anúncios.

Somado a esse alcance, que na palavra de Icles Rodrigues (2019, p. 79) pode ser “recompensador para quem produz conteúdo com assiduidade disciplina, atingindo especialmente novas gerações, que crescem e se desenvolvem nesses ambientes virtuais”, podemos ainda incorporar o caráter participativo na possibilidade da criação do conteúdo, uma

⁴ O programa de colaboração define quais tipos de conteúdo podem gerar receita, promovendo formatos que ampliam o tempo que o usuário passa na plataforma e a interação com os anúncios. A monetização se dá através de um sistema que distribui essas receitas conforme as métricas de exibição e engajamento. Influenciando decisões sobre temas, estrutura e narrativa.

⁵ Site que oferece estatísticas sobre o uso da internet, mídias sociais e tendências digitais em escala mundial. Com o objetivo de ajudar empresas, pesquisadores a compreenderem o comportamento na internet, as preferências de consumo de conteúdo digital, além de outras métricas para estratégias de negócios e análises de mercado.

vez que a plataforma não faz exigências quanto ao nível de formação, gênero ou idade, reforçando o aspecto participativo. Qualquer pessoa com o material necessário pode compartilhar seus vídeos.

Desse modo, garante o ideal sobre o qual se constituiu, passando de um recurso de armazenagem para um ambiente de expressão pessoal: “*broadcast yourself*” (Burguess; Green, 2009, p. 20 - 21). Apelando ao caráter narciso de uma geração que precisa não apenas atualizar seu passado, mas que encontra nessa atualização do passado-presente à tentativa de estabilidade do seu presente instável em constante atualização. Talvez por isso seu sucesso repentino, criado em 2005, foi comprado pelo Google em 2006 por 1,65 bilhão de dólares.

Esse aspectos, somados a lógica de funcionamento da plataforma, não elimina as tensões:

[...] o acesso aos meios de produção de material e sua democratização permitem a absolutamente qualquer pessoa produzir conteúdo, e muitas dessas pessoas — seja por aproveitarem um clima político-ideológico, seja por sua agressividade e vontade de causar polêmicas — acabam alcançando públicos vastos com conteúdo de qualidade duvidosa, para dizer o mínimo (Rodrigues, 2019, p. 79).

A participação ativa dos usuários no *YouTube* converte espectadores em cocriadores. O recurso de comentários, remixes e respostas em vídeo estabelece uma rede de diálogos onde o passado é reinterpretado em conjunto, de maneira não linear. Este procedimento demonstra que o passado na plataforma é constantemente disputado, desafiando os conceitos tradicionais de autoridade. Contudo, essa dinâmica também quebra a coesão narrativa, criando versões alternativas que coexistem sem uma análise, obscurecendo a fundamentação ou os fatos acerca dos eventos.

A volatilidade dos conteúdos confere uma temporalidade única à conservação da memória. Diferentemente dos documentos físicos, que visam a durabilidade, os vídeos podem ser apagados, modificados ou perdidos durante as atualizações ou inovações tecnológicas, conforme ressaltado por Rosenzweig (2022) acerca da fragilidade do meio digital. Esta transitoriedade contrasta com o conceito de Nora (1993) de “lugares de memória” como âncoras estáveis, suscitando dúvidas sobre como as futuras gerações terão acesso a interpretações históricas produzidas em um contexto propenso a apagamentos e obsolescência. Neste cenário, a memória se torna fluida, sujeita a lógicas técnicas frequentemente obscuras.

A plataforma não possui critérios de legitimação ou validação do conteúdo disponibilizado, além das diretrizes da comunidade. No entanto, é um espaço válido para a atuação histórica na medida em que o próprio uso social o valida. O uso, no entanto, depende de quem o faz. A afirmativa parece mero pleonasmico, todavia, o que vale no final é a forma

como a plataforma é usada. Por isso a ocupação desse espaço por sujeitos que possuem um comprometimento ético, metodológico e político não pode ser negligenciada, entendendo que: “Se os espaços abertos aos historiadores nessas mídias não forem ocupados por profissionais comprometidos com princípios éticos e democráticos, outros vão ocupá-los” (Sayuri, 2019 p. 52).

Portanto, a tarefa não é descartar o *YouTube* como um ambiente propício a ação histórica, mas sim categorizá-lo como um espaço de conflito. É crucial assegurar que a democratização do acesso não prejudique a complexidade em prol da viralidade. Deste modo, a plataforma pode superar o papel de mero espelho das tensões e se transformar em um local de diálogo entre passado e presente, entre historiadores e outros públicos.

Na medida em que ela possibilita múltiplas vozes, se faz necessário observar o envolvimento, as formas de legitimação pública e os usos que são feitos do passado pelos produtores. Entendendo seus interesses, seu processo de construção de audiência e a elaboração da narrativa, levando em conta que não há neutralidade, independente do meio — seja ele impresso ou online, seja um livro didático ou um vídeo. Vejamos como isso ocorre no canal *Nostalgia*.

O CANAL NOSTALGIA E A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

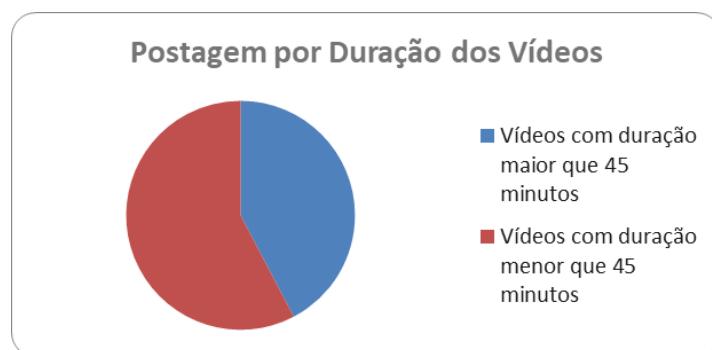
O canal *Nostalgia* possui atualmente 14,9 milhões de inscritos, 449 vídeos e mais de 1 bilhão de visualizações. Inscrito na plataforma em 2008, só começou a funcionar plenamente no início de 2012. O canal é apresentado por Felipe Castanhari, eleito pela *Forbes Brasil* um dos 30 jovens mais promissores do país em 2016. Castanhari é, além de youtuber, designer gráfico. Na aba de informações sobre o canal, primeiramente somos apresentados ao que parece ser o lema: “Ensinando e divertindo. Vídeos novos quando possível, coisas boas levam tempo”.

O próprio nome do canal expõe, além de seus objetivos iniciais, pistas sobre o seu público alvo. Abordando, a princípio, temas *geeks*, o canal explora desenhos, filmes, séries e jogos, sobretudo dos anos 1990 – 2000, convidando os “nostálgicos” — pessoas que acompanhavam essas produções — a tomarem parte e acompanharem o canal. Com o passar dos anos as produções vão se diversificando e atraindo novos espectadores. Conteúdos de caráter científico começam a ganhar espaço e características próprias, sobretudo com o lançamento das playlists “*NOSTALGIA * HISTÓRIA*” e “*NOSTALGIA * CIÊNCIA*”.

Em termos gerais, um elemento narrativo bastante comum é a utilização do humor. O apresentador frequentemente mistura as explicações com brincadeiras, “memes” e alusões à

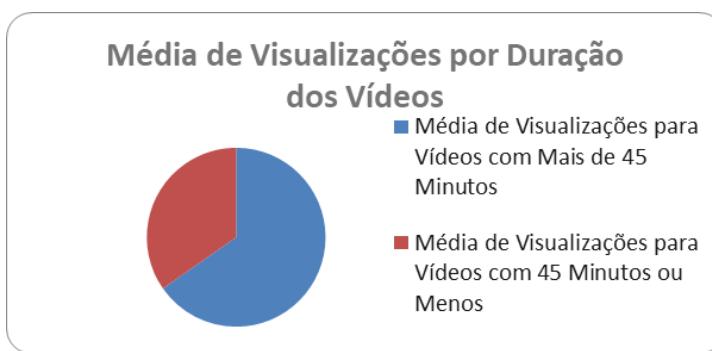
cultura popular, tornando os vídeos mais descontraídos. Essa abordagem é eficaz para captar a atenção de espectadores que, de outra maneira, acham a história um assunto entediante ou complicado — os comentários apontam isso, como exploraremos adiante. O humor atua aqui como uma ferramenta de conexão, estabelecendo um tom mais coloquial e próximo ao público. Junto a isso, levando em conta a falta de concentração da geração atual, há uma preferência do canal pela produção de vídeos curtos, o que parece contraditório com o interesse manifesto pelo público, fato que surpreende por ser esse interesse um fator *sine qua non*. Vejamos o que de fato acontece⁶:

Gráfico 1 – Duração dos vídeos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Gráfico 2 – Quantidade visualização em relação a duração



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

É impossível desassociar a quantidade de visualizações, além da duração, ao tema abordado nos vídeos. Conseguimos observar o predomínio de conteúdos sobre guerras ou assuntos relacionados. Dos 11 vídeos analisados aqui, 9 se enquadram. Logo, podemos identificar que este é o conteúdo mais esperado pelo público. No vídeo sobre a Segunda Guerra

⁶ Os gráficos aqui apresentados foram produzidos para um primeiro trabalho base do que veio a se tornar esse artigo, apresentado no I Encontro Regional do Núcleo de Pesquisa em História, Territorialidades e Movimentos Sociais.

Mundial, ao se referir ao público, o apresentador revela essa tendência: “[...] tema histórico mais pedido por vocês, a Segunda Guerra Mundial” (Nostalgia, 2017).

E aqui entram os fatores que explicam as aparentes contradições. É justamente nesses vídeos que a produção do canal se sobressai em termos de narrativa. Há a tentativa de abranger todos os processos mais importantes e todo o período dos acontecimentos — o que não se restringe a esses vídeos. Temos por exemplo a tentativa de dar conta dos 500 anos de história do Brasil em 1 hora. Abarcar 4, 7 anos de conflitos envolvendo um grande quadro de eventos em sua completude ainda que fosse em um vídeo de 24 horas seria impossível. Sendo tão problemático como abranger acontecimentos de 1 ano em vídeos de 10 minutos. Não há tempo suficiente para assimilar, racionalizar e problematizar. No vídeo sobre o 11 de Setembro é possível identificar a aprovação do público em relação aos modelos do canal:

O Nostalgia História está de volta, mas de uma forma diferente. Como percebi que vocês estão curtindo muito nossa playlist de história, decidi criar um quadro com vídeos um pouco mais curtos e dinâmicos. Nosso formato tradicional, com vídeos de uma a duas horas abordando momentos grandiosos da história, continuará normalmente. No entanto, também teremos o Nostalgia História Pocket, uma versão mais rápida e objetiva, focada em temas específicos e explicados de forma simples, como já faço aqui. Ah, e não se esqueçam de me seguir no Instagram! Lá, sempre realizo enquetes para escolher os temas dos vídeos, e os mais votados acabam virando conteúdo no canal (Nostalgia, 2018).

No vídeo sobre a Primeira Guerra, Felipe faz troça: “Se eu pedir para você agora resumir a primeira guerra, você consegue fazer isso? Quantas pessoas conseguem fazer isso? [...] Não se preocupe mais! Agora você vai saber tudo sobre a Primeira Guerra Mundial” (Nostalgia, 2016, grifo nosso). Essa tentativa de construção de uma história sem contestação, que abrange todos os elementos ou que não omite fatos — “como seus professores de história” — pode ser notada pela própria nomenclatura dos vídeos, como: *A História por trás do 11 de Setembro* (2018); *O QUE É FASCISMO? Entenda de um jeito SIMPLES* (2020); *Entenda a guerra entre RÚSSIA e UCRÂNIA*, dentre outros. Sempre mantendo o tom de detentor do conhecimento, ou da chave para que se possa entendê-los efetivamente.

Tal ocorrência reflete uma tendência contemporânea de desvalorização da narrativa acadêmica. Como se a mesma não fosse transparente com o seu público. Isso fica evidente em obras como: *História Para Quem Tem Pressa*, *Guia Politicamente Incorreto Da História*, *História do Mundo sem as Partes Chatas*. Onde a história é simplificada para a “degustação” do público. Muitas das quais têm sido escritas por jornalistas — valendo mencionar os escritos de Laurentino Gomes e Leandro Narloch — com um bom desenvolvimento narrativo e criatividade. Malerba (2014, p. 37) identifica uma característica desse tipo de produção:

“história no formato de saga; nas veladas explicações históricas, ênfase na psicologia dos personagens, que são condenados ou absolvidos como heróis ou parvos de mau-caráter.”.

Apesar de a adaptação da linguagem ser uma estratégia legítima, a simplificação exagerada pode prejudicar a compreensão profunda de um assunto. Dentro do âmbito da Teoria da História, Valdei Lopes, em conversa com Dias e Oliveira (2024, p. 186), expressa sua desaprovação a essa abordagem, ao dizer que facilitar a compreensão de um conceito não implica em torná-lo superficial. Segundo ele, a complexidade deve ser vista não como um obstáculo, mas como um elemento fundamental na construção do saber. Guardadas as devidas proporções dos trabalhos de certos conceitos na graduação em história e em canais no *YouTube*, ainda assim não se pode abrir mão de elementos basilares para a construção do senso crítico.

Ademais, a elaboração dos vídeos se utiliza de imagens de arquivo e de trechos de documentários, frequentemente sem mencionar claramente as fontes. Alguns desses trechos de documentários são tirados de produções do *National Geographic* e *History Channel*, possíveis de serem identificados pela logo durante a exibição. Esses recursos visuais ajudam a criar uma “atmosfera” de segurança que fortalecem a percepção de que o público está acessando um material educativo ou fruto de uma pesquisa desenvolvida com rigor teórico-metodológico. No vídeo sobre a Ditadura Militar⁷, por exemplo, há o uso desses instrumentos em grande medida:

Figura 1 – Recurso imagético do canal



Fonte: “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

Entretanto, apesar das aparências, não há “nenhuma crítica documental” (Carneiro, 2018) que seja apresentada ou esclarecida ao público. Nesse sentido, há apenas a informação

⁷ O vídeo sobre a Ditadura Militar brasileira é particularmente interessante. Sendo lançado em 2016 o vídeo é retirado do ar e republished em 2024. Na descrição do vídeo encontramos o motivo: “!!ATENÇÃO!! Esse é um REUPLOAD do vídeo original que foi bloqueado por direitos autorais, não sendo descrito o fator específico, no entanto, os comentários nos dão uma pista. O comentário do usuário @monochromatic3712 revela: “O vídeo original tinha as músicas de Chico Buarque e Geraldo Vandar, ‘pra não dizer que não falei das flores’. Passaramos trechos completos transcritos, que rendeu ele ser bloqueado, foram cortados para 3 segundos; e assim repostado” (Nostalgia, 2024).

de que a narrativa foi desenvolvida mediante pesquisa realizada por Leonardo Souza e o Caio Vinicius, que outrora fora professor de Felipe, e passa a atuar como consultor do canal. Fruto disso, alguns pontos merecem atenção no desenvolvimento: primeiramente há a tentativa de explicar o uso de alguns conceitos, como “ditadura”, “regime” e “pseudodemocracia”. Castanhari defende que os termos “regime” e “ditadura” estão corretos:

[...] primeiramente foi um regime civil militar. As pessoas esquecem do civil já que ainda tínhamos civis no governo e também porque existia uma pseudodemocracia. Não podíamos votar para Presidente, mas podíamos votar para senador, deputado federal e estadual. Isso tudo para dar a ideia que ainda tínhamos alguma liberdade política, mas na verdade não era bem assim e ao decorrer do vídeo vocês vão entender isso. E sim em determinado momento foi uma ditadura Principalmente depois do A5 quando todos os direitos constitucionais, inclusive o direito de você saber do que está sendo acusado e também o direito a uma defesa, que é a base de qualquer democracia, foram completamente destruídos no Brasil. A constituição foi praticamente rasgada, torturavam pessoas, matavam pessoas, então em determinado momento também tivemos sim uma ditadura (Nostalgia, 2024).

Por mais que o apresentador ressalte que “na verdade não era bem assim”, a informação é lançada sem levar em conta suas implicações. Principalmente observando o contexto de produção do vídeo, de intensa disputa política no país. Isso revela o objetivo central do canal, ganhar a todos. Ele continua: “[...] esse vídeo será um vídeo neutro. A ideia de verdade desse vídeo é eu trazer informação” (Nostalgia, 2024).

Numa entrevista concedida ao *Estadão* (2016), Castanhari fala sobre a repercussão do vídeo sobre a ditadura e destaca alguns outros pontos. Problematiza a opinião negativa dos grupos de direita em relação ao seu vídeo, apontando que mesmo na tentativa de neutralidade, ele acaba deixando algumas posições pessoais emergirem, mas que não quer dizer que seja a opinião certa, ou a única. Lamenta ainda que a política não consiga mais ser debatida sem “extremismos” nesse cenário. Segundo o mesmo, a ideia é de fato alcançar outros públicos que não o da academia e possibilitar que o público mais novo aprenda se “divertindo”. É clara a tentativa de unir o educar e o entreter — envolvendo os aspectos já mencionados —, o que Souza (2018) classifica como infotainment:

O infotainment surge como uma resposta de mercado, parte para um público que procura a chamada “informação light”, parte incentivado por conglomerados midiáticos que observaram sucesso lucrativo no modelo. [...] No discurso do infotainment, as barreiras que separam o informar do entreter são quebradas. Devido a essa maleabilidade, é possível observar discursos em que a prioridade é informar e o entretenimento está ali como um chamariz para a informação, tanto como casos em que a prioridade é o entretenimento e a informação fica em segundo plano (Souza, 2018, p. 14).

O vídeo que abre a playlist tem como título: *ADOLF HITLER / HISTÓRIA*, e alcançou uma boa aceitação do público. O próprio apresentador afirmou que a partir disso o canal se

tornaria “muito mais interativo” (Nostalgia, 2016). Apresentando, ainda nesse vídeo, o novo escopo do canal, Castanhari ressaltou:

Então sim, hoje iremos falar de história. História, aquela ciência humana fascinante, que conta a história da humanidade, de todas as milhares de merdas que nós, seres humanos já cometemos, cometemos muitos erros, cara. Ah, mas Castanhari eu odeio minhas aulas de história, meu professor é um filho da puta. Odeio ele. Calma, calma galera, a história é uma coisa sensacional. Então dê muito valor a seu professor de História porque hoje você vai perceber que você gosta de história. A grande questão aqui é como ela é contada. Porque o Nostalgia é o tipo de programa descontraído e muito bem pensado, não vamos ficar aqui falando de datas, nomes que ninguém conhece, dessas “porras”, NÃO. [...]. Inclusive se você olhar pra trás você vai ver que a história tem personagens tão fodas quanto os personagens de quadrinhos, cinema e de tudo que a gente gosta da cultura POP.

Castanhari é contraditório. Ao mesmo tempo em que pede calma aos telespectadores e a valorização dos professores, subtende-se em sua fala, que a culpa da não compreensão do conteúdo é diretamente associada ao caráter performativo do professor. Uma vez que o ponto chave é como “ela é contada”. Essa encenação, embora eficiente em criar identificação, obscurece a realidade escolar ao desqualificar o trabalho docente, muitas vezes limitado por condições precárias e dificuldades nos currículos. Neste cenário, o apresentador assume o papel do professor “ineficiente”, “Porque o Nostalgia é o tipo de programa descontraído e muito bem pensado”. Isso obscurece os obstáculos estruturais da educação e reduz a complexidade da mediação do conteúdo. É no contexto de publicação desses vídeos que o canal possui o maior número de visualizações:

Gráfico 3 – Visualizações em relação à data de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Não podemos negar, entretanto, que existiu um esforço de Felipe na construção das narrativas. Nas descrições, a partir de 2020, começam a ser elencadas obras bibliográficas nas

quais o apresentador se baseou, além da consultoria com professores de história, que começa antes. A produção se aprimora subsequentemente — é uma virtude —, na questão estética. E podemos acompanhar o amadurecimento do apresentador no decorrer dos anos, desde a linguagem até a postura. Os palavrões, que eram usados com frequência, tornam-se cada vez mais raros, as piadas mais controladas e o apanhado histórico também segue esse curso.

No vídeo publicado em 2021, *O BRASIL DEPOIS DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO*, Castanhari postula reflexões mais profundas, que, a respeito do tema, costumam pairar na superfície. Sobre a conquista da abolição, ele coloca: “Essa lei foi uma resposta à luta persistente dos movimentos sociais e à resistência dos escravizados”. Problematizando a vida dos recém libertos, ele continua:

Agora ele era um negro livre e podia ir para onde quisesse e recomeçar sua vida. O problema era que Mariano não tinha para onde ir, nem perspectiva de futuro. Como ele poderia voltar para a terra dos seus antepassados sem dinheiro? Onde ele iria morar se não conseguia nem pagar o aluguel? (Nostalgia, 2021).

Mais uma vez é mencionada a consultoria de Caio Vinicius, mas dessa vez, também participou o historiador Dirceu Lima Júnior⁸, apresentado por Felipe como “professor de História da África e do Negro no Brasil” (Nostalgia, 2021), vale mencionar também a participação do cantor Rael que o ajuda a contar a história. Atribuo à dupla ajuda no processo de consultoria desse vídeo a construção bem elaborada da narrativa. Que vai além, ao mencionar também a lei 10.639:

Uma das soluções é aplicar uma lei que só existe no papel. A Lei 10.639 determina que as disciplinas sobre História da África e Negros no Brasil devem ser ensinadas em todas as escolas. O racismo começou como uma educação ruim e só pode ser combatido com uma educação justa e inclusiva. [...] Esta é uma luta que deve continuar e não podemos ser neutros sobre isso. Fingir que o racismo não existe, apenas colabora com o racismo. [...] Não basta não ser racista, você deve agir contra o racismo. [...] Vamos combater o preconceito com informação. (Nostalgia, 2021).

No vídeo sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia (2022), a consultoria é feita por Nivaldo Souza (jornalista) e Caio Mattos (historiador). Ao elencar as “fontes”, observamos de onde as informações são acessadas, em sites como o da: UOL, CNN BRASIL, BBC, INFOESCOLA, dentre outros. Castanhari é polêmico ao abordar questões que dentro do próprio campo da

⁸ Por mais que seja apresentado como professor, nenhum meio para verificação é disponibilizado pelo canal. Só foi possível encontrar informações sobre Dirceu através de suas redes sociais (*Youtube*, *Instagram* e *X*). Não sendo possível verificar as informações em plataformas como *Lattes* ou *Escavador*, uma vez que não apresentam nenhum resultado para a busca.

historiografia acadêmica ainda geram discussões acirradas. Como é o caso do Holodomor, no entanto, o próprio apresentador reconhece:

O Holodomor ainda é alvo de muita discussão no meio acadêmico. Existem algumas interpretações sobre esses fatos, mas são duas as tendências principais. Uma acha que foi uma fome intensificada deliberadamente pela ditadura de Stalin, para punir a resistência camponesa ucraniana contra a coletivização de terras, condenando a maior parte do povo. A outra diz que não existem evidências suficientes para afirmar isso e que a fome foi uma consequência não proposital dos conflitos no campo, da negligência do governo e das más condições climáticas. Qual dos dois lados está certo? Para vocês terem uma ideia, não se sabe ao certo nem mesmo o número de vítimas do Holodomor, que pode variar de dois a doze milhões de pessoas. Existem vários debates sobre o Holodomor, com Historiadores analisando outras possíveis causas para isso, e uma galera que estuda os verdadeiros objetivos do Stalin nessa ação (Nostalgia, 2022).

É digno de destaque o uso feito no vídeo de conteúdo das redes sociais. Em vez do uso de cortes de documentários, como é de costume, a narrativa é contraída com o uso de matérias de jornais ou vídeos postados por espectadores, com a forte presença de materiais da *Globo News*. Entre os motivos está a atualidade do acontecimento. O canal oscila entre os conteúdos já consagrados e os conteúdos atuais. Refletindo a dinâmica da Globalização e aceleração da informação, características do tempo presente (Rodrigues; Borges, 2021).

Ao transitar entre acontecimentos históricos amplamente analisados, antigos e contemporâneos, o canal desempenha um papel ativo na mediação do passado no presente, auxiliando na construção de uma compreensão histórica dos seus telespectadores. No entanto, esse processo não acontece de forma imparcial, já que a recepção dessas narrativas é moldada pelo contexto midiático e pelas múltiplas vozes que se propagam no ambiente digital. Portanto, é crucial examinar a interação do público com essas produções.

IMPACTOS NA PERCEPÇÃO PÚBLICA DA HISTÓRIA

“Aprendi em 1:24:48 muito mais do que aprendi em todas as aulas de história que tive até hoje!” (Nostalgia, 2017). Essa frase foi escrita pelo usuário @uticell no vídeo sobre a Segunda Guerra Mundial. A seção de comentários se demonstrou uma fonte de possibilidades diversas. Refletindo as múltiplas vozes que acompanham o canal, ela evidencia as opiniões que decorrem do processo mais amplo de participação pública:

Desde o início do canal, Castanhari utiliza o feedback do seu público para escolher que assuntos irá abordar. No começo de cada vídeo sobre cultura pop, por exemplo, são apresentados os comentários e usernames daqueles que pediram o assunto que está sendo abordado. Essa maneira assíncrona de resposta ao feedback é o único exemplo de interatividade com o público no Youtube (Souza, 2018, p. 27).

A análise dos comentários revela como a interação através de plataforma está gerando novas formas de engajamento, modificando a maneira como o público participa ativamente de uma parte do processo de produção do canal. A emoção dos telespectadores com conteúdos históricos, não lhes proporciona somente as informações, mas uma conexão afetiva com o conteúdo, sentindo que a história se torna próxima e relevante para suas vidas. “O passado de cada um na rede não é mais distante e historicizado, mas se torna emoção em um presente contínuo, nivelando os tempos históricos pela atualidade” (Noiret, 2015, p. 37). A afirmativa de Noiret revela como a identificação com determinado grupo perpassa a busca pelo “atual”, pelo uso que se pode fazer do “produto”, onde a emoção se torna o elo de ligação.

Esse envolvimento emocional se torna um motor para a construção de um senso de pertencimento, ampliando a valorização do passado. No entanto, esse fenômeno levanta uma questão central: até que ponto essa apropriação emocional da história contribui para uma análise crítica dos fatos? Ao mesmo tempo que aproxima o público, a emoção leva à cristalização de narrativas afetivas que, em alguns casos, substituem a análise pela mera identificação pessoal.

No Youtube, no entanto, a apresentação de conteúdo é feita a partir da ação ativa do usuário, que se inscreve nos canais que mais lhe agradam, ou seja, o feed de um indivíduo pode ser completamente distinto de outro, enquanto a grade de programação tradicional se mantém a mesma independente de quem assiste (Souza, 2018, p. 24).

É nesse cenário que o fenômeno da “bolha informacional” tem se tornado eficaz (cf. Han, 2019; Kakutani, 2018). A informação passada cria o sentido de “pertencimento”. Cada espectador se prende na bolha de informações que mais se aproximam de seus interesses, e aspirações. É por isso que canais negacionistas conseguem continuar existindo, uma vez que atingem, constroem, desenvolvem e conseguem manter um nicho específico.

Enquanto os usuários expressam gratidão por aprenderem sobre temas que não haviam sido abordados em sua educação formal, evidenciam, paralelamente, uma crítica à limitação dos currículos escolares e à falta de acessibilidade ao conteúdo histórico mais vasto. Essa lacuna educacional é um dos fatores que impulsionam a busca por conteúdos históricos em plataformas digitais, evidenciando como o ensino formal muitas vezes falha em tornar a história significativa para os estudantes. Essa busca por um passado que possa legitimar o presente, que traga significado às ações humanas é característica do tempo presente. Problematizando a produção histórica na Wikipédia, por exemplo, Mateus Pereira problematiza o tipo de “história” que a sociedade tem demandado, sobretudo no meio digital:

De algum modo, uma história que privilegia a continuidade pretende não apenas tornar pensáveis os fatos passados, mas também conceber o que ainda não entrou na ordem dos fatos. A Não deixa de ser estratégia de negação da contingência e do

evento. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais uma concepção de “história tradicional” seja desejada pela sociedade: ela conforta o homem, pois dá o sentido de continuidade à história e à existência. (Pereira, 2022, p. 90 - 91).

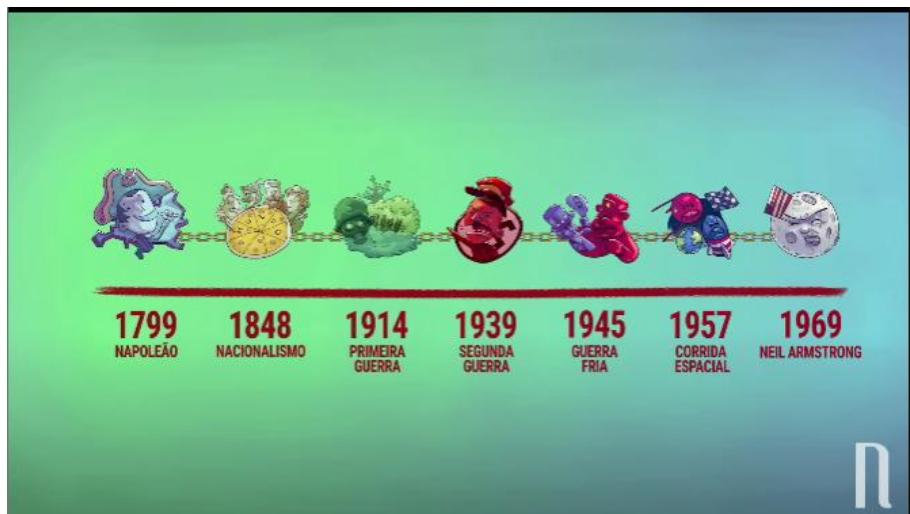
Pereira explora a conexão entre a narrativa histórica e a criação de significados que rejeitam a ideia de contingência, questionando como a ênfase na continuidade pode atuar como um instrumento de controle simbólico. Ao dar destaque a uma linearidade que liga passado, presente e futuro de forma aparentemente coerente, a história tradicional silencia rupturas, conflitos e vozes marginalizadas que contestam a ordem vigente. Essa perspectiva, ao tentar “conceber o que ainda não entrou na ordem dos fatos”, acaba se revelando paradoxalmente conservadora, pois impõe uma teologia que legitima o estado atual como uma fase inevitável de um destino pré-estabelecido. Nesse aspecto, a rejeição do evento como elemento disruptivo pode ser vista como uma estratégia de dominação, que apaga a capacidade humana de transformação e reduz a história em um roteiro previsível, desconsiderando que mudanças significativas muitas vezes emergem de imprevistos, resistências e crises não planejadas.

Logo, a noção de que essa concepção tradicional “conforta o homem” ao proporcionar um sentido de continuidade precisa ser desconstruída. Enquanto, de um lado, a coerência da narrativa pode aliviar as angústias existenciais diante do caos presente no mundo, de outro, ela reforça sistemas de poder que se beneficiam da estagnação. A sociedade que busca essa interpretação unívoca da história pode estar menos preocupada em entender o passado em sua diversidade do que em validar hierarquias atuais, ocultando contradições e violências que sustentam a ordem estabelecida.

Ao ignorar a contingência, desencoraja-se a reflexão sobre possíveis alternativas, perpetuando uma lógica fatalista que isenta indivíduos e grupos da responsabilidade com os desafios éticos e políticos de sua época. Portanto, a crítica à narrativa histórica convencional não é apenas uma questão metodológica, mas também profundamente ética: questiona-se quem possui o poder de determinar o que é “contínuo” e quais vivências são silenciadas nesse processo de construção de significados supostamente universais. No canal, o vídeo: *NAPOLEÃO até NEIL ARMSTRONG* é um exemplo claro dessa busca por continuidade:

Nada na História acontece por acaso. A história de nossa civilização está eternamente em construção. [...] Todo acontecimento histórico seja grande ou pequeno, seja uma mudança radical ou algo que permaneceu igual por séculos é consequência de eventos anteriores. Tudo é tão encadeado que basta tirar um elo dessa corrente como um fato, ou uma figura importante pra mudar completamente a nossa história. [...] E hoje eu vou explicar pra vocês como Napoleão Bonaparte fez o homem pisar na lua. [...] Esse é o propósito desse novo quadro, mostrar que tudo que acontece na história está interligado. Os principais eventos que escreveram a história do mundo não são aleatórios. Na verdade, existe uma forma de conectar tudo o que aconteceu na Europa por causa do Napoleão ao dia em que Neil Armstrong pisou na lua (Nostalgia, 2019).

Figura 2 – Recurso imagético do canal



Fonte: “de NAPOLEÃO até NEIL ARMSTRONG”, Canal Nostalgia, 2019.

O discurso apoia um determinismo linear que reduz a história a uma sequência causal, desconsiderando a complexidade das interações entre elementos sociais, econômicos e culturais. Esta perspectiva elimina a imprevisibilidade da ação humana, convertendo processos históricos em causa e consequência. Ao silenciar indivíduos e contextos que não se encaixam na causalidade direta, perpetua-se uma narrativa que oculta os conflitos e circunstâncias que realmente impulsionam as mudanças históricas.

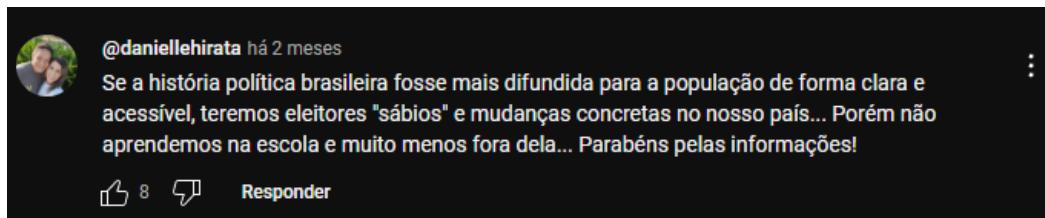
Ao associar as ações de Napoleão à chegada à Lua, reforça-se uma visão eurocêntrica que ignora fenômenos globais, tais como os conflitos anticoloniais, a diáspora africana ou aportes tecnológicos de sociedades não europeias. A metáfora dos “elos conectados” estabelece uma teologia que aceita a hegemonia ocidental como um destino inescapável, obscurecendo a violência estrutural e o “epistemicídio”⁹ implícitos nessa narrativa (Santos, 2007). Ademais, a concepção de uma corrente linear rejeita a diversidade de temporalidades, e os movimentos de resistência que desafiam a linearidade. Ao dar um significado histórico a uma suposta ordem pré-determinada, a história é reduzida a uma profecia autorrealizável, onde apenas os atores dominantes determinam o rumo dos acontecimentos.

A questão que se coloca, então, é como equilibrar a necessidade de engajamento com a responsabilidade de um procedimento analítico bem fundamentado indispensável para o entendimento crítico. Atendendo a demanda pública por história, sem deixar ser conduzido por

⁹ O termo “epistemicídio” alude à eliminação sistemática, violenta ou simbólica, de sistemas de conhecimento gerados por grupos subalternizados, marginalizados ou colonizados, em favor de epistemologias hegemônicas, geralmente europeias. Não se limita à perda de conhecimentos, mas a um processo estrutural de dominação que impede abordagens alternativas para entender o mundo, consolidando hierarquias entre “conhecimento legítimo” e “conhecimento inferiorizado”.

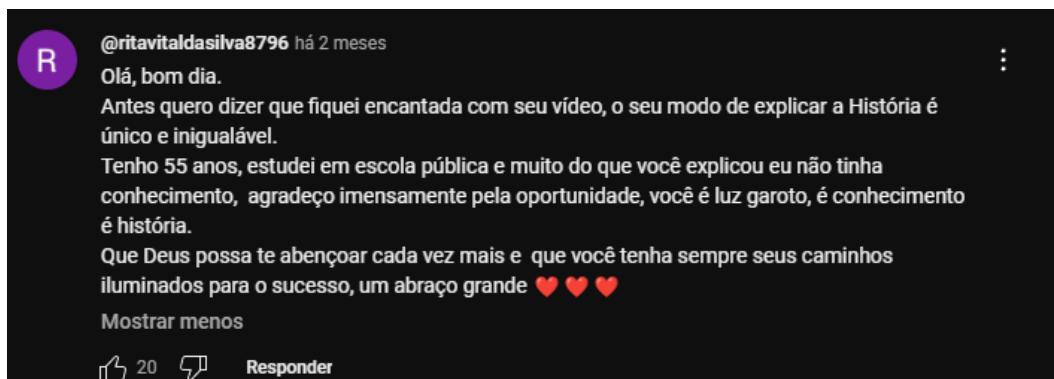
ela. Como exemplo dessa demanda, que evidencia uma necessidade de formação, vejamos alguns comentários a seguir:

Figura 3 – Comentário



Fonte: “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

Figura 4 – Comentário



Fonte: “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

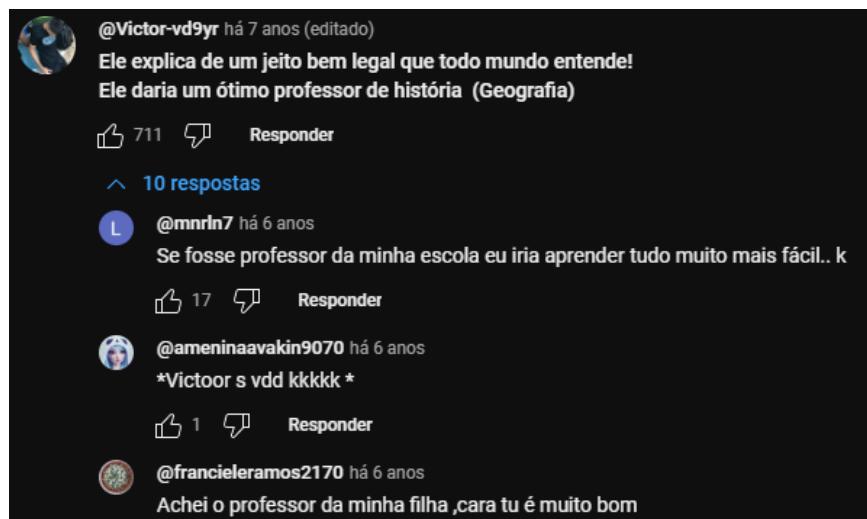
Refletindo sobre a ausência da história política nas escolas, por exemplo, os comentários demonstram como ela impacta diretamente a participação cidadã, gerando um público desinformado e vulnerável. O acesso a conteúdo em formatos diversos não apenas supre essa lacuna educacional, mas também estimula uma reflexão sobre a própria sociedade, permitindo que as pessoas compreendam o contexto político e social em que vivem. Dessa maneira, a educação histórica fora dos meios tradicionais se consolida como uma ferramenta de empoderamento, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes. No entanto, essa democratização do conhecimento traz consigo novos desafios, como o risco de apropriação política e a disseminação de discursos que reforçam polarizações ideológicas em vez de promoverem um entendimento plural.

Impulsionado por esse processo de identificação e legitimação do que é propagado, outro elemento se mostra interessante no ambiente de comentários: a associação do apresentador a um professor, mesmo sem formação na área, como já destacado. Essa associação demonstra um fenômeno intrincado de reconhecimento de autoridade no meio digital. Sobre isso, Bruno Carvalho e Ana Teixeira (2019, p. 15) colocam:

Erudição, títulos, docência, pesquisa ou vinculação institucional não necessariamente asseguram, hoje, prestígio, credibilidade ou autoridade ao enunciador do discurso — elementos que o historiador costumava acumular no mundo analógico e que estavam no cerne do seu reconhecimento social. No meio digital, credibilidade e autoridade dependem principalmente de outros dois elementos: a capacidade de dominar a nova linguagem digital, garantindo presença no novo ‘espaço público’, e a capacidade de alcançar grandes audiências, medida pelo número de cliques, compartilhamentos, visualizações, curtidas, seguidores e outras interações.

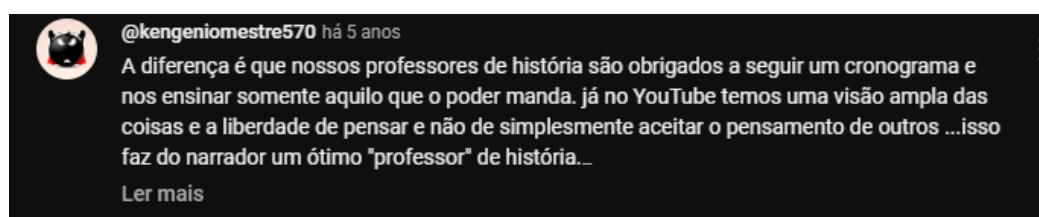
É evidente que muitos espectadores veem Castanhari não apenas como um comunicador, mas também como um educador. Essa identificação ocorre, em grande medida, devido às estratégias usadas nos vídeos. Dentre as quais, podemos elencar a os recursos visuais empregados, como a exposição de mapas e imagens, a linguagem acessível, o suposto desejo do apresentador de que sua audiência de fato aprenda, a demonstração de domínio do conteúdo e brincadeiras como a feita no vídeo sobre a Segunda Guerra Mundial: “Isso cai na prova, em. Anota aí” (Nostalgia, 2024), evidenciando um interesse do apresentador em efetivar essa assimilação. O reconhecimento de Castanhari como um educador sugere que há uma necessidade entre o público por conteúdos que tornem a história mais comprehensível, aspiração que se evidencia nos comentários:

Figura 5 – Comentário



Fonte: “COREIA DO NORTE VAI CAUSAR A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL?”, Canal Nostalgia, 2017.

Figura 6 – Comentário



Fonte: “ADOLF HITLER / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2016.

A validação de influenciadores como referências de autoridade tende a enfraquecer a importância dos historiadores profissionais e da educação nos ambientes escolares tradicionais, mudando a maneira como as pessoas entendem o que é “conhecer história”, em direção a uma abordagem mais voltada para o entretenimento, a vulgarização histórica e do papel do historiador. Assim, a conexão do apresentador com um educador no contexto digital não é uma questão que possa ser considerada exclusivamente no simplismo, ou dualismo de benéfico-prejudicial. Essa dinâmica expõe conflitos intensos entre diversas maneiras de aprendizado ao longo do tempo, ao mesmo tempo que sinaliza a urgência de reavaliar as abordagens de ensino e divulgação histórica em plataformas de mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste artigo possibilitou entender a função do *YouTube*, especialmente do canal *Nostalgia*, como um espaço para o desenvolvimento e a propagação do saber histórico. Durante o estudo, percebemos que a criação de conteúdos históricos em meios digitais não só facilita o acesso à história, mas também questiona os métodos convencionais de mediação e validação do conhecimento.

A validação do apresentador como uma autoridade, mesmo sem uma formação acadêmica em história, exemplifica um fenômeno atual de transformação nas fontes de credibilidade no contexto digital. Essa situação destaca a tensão existente entre o saber científico e a difusão da história por meio de formatos que são mais acessíveis para um público mais amplo. Conforme observa Malerba (2014), a expansão da história pública no Brasil, especialmente por meio das plataformas digitais, altera o foco dos historiadores acadêmicos, criando oportunidades para criadores de conteúdo que atuam com abordagens diferentes das acadêmicas.

A conexão entre história, mídia e educação revela complexidades. Implicando que, enquanto os conteúdos históricos se tornam mais fáceis de acessar, eles também são influenciados por algoritmos que favorecem o engajamento, o que pode resultar em interpretações tendenciosas da história. Essa interação se insere no conceito de “colonialismo digital” proposto por Faustino e Lippold (2023), que se refere à imposição de determinados padrões de criação e consumo de conteúdo, ditados pelos algoritmos e pela estrutura das plataformas.

O papel dos historiadores profissionais é diretamente afetado pela presença de influenciadores digitais no ensino da história. Conforme abordado por Meneses (2019), a

propagação de histórias na internet é comumente ligada a abusos do passado, negacionismos e apropriações ideológicas. Neste cenário, a falta de regulamentação ou critérios para validar informações históricas em plataformas online pode resultar na disseminação de conteúdos distorcidos. Conforme destacado por Malerba (2017), ao longo do século XX, a história acadêmica se afastou do público em geral, dando lugar a uma escrita especializada, gerando um espaço que agora é ocupado por criadores de conteúdo digital.

Portanto, é crucial que os historiadores acadêmicos pensem sobre suas práticas e participem da batalha pelo espaço digital. Conforme destaca Carvalho (2019) a participação ativa de historiadores em ambiente para além da academia pode aprimorar a discussão histórica, assegurando que a produção de conhecimento não seja controlada por interesses comerciais ou políticos. Para isso, devemos entender que “A divulgação do saber histórico para amplas audiências deve acontecer para além dos momentos de crises institucionais e de crise da democracia” (Carvalho, 2019, p. 121). Isso sugere a exigência de táticas que unam rigor acadêmico a metodologias que aproximem o público em geral, mantendo o compromisso com a contextualização crítica e a análise historiográfica:

[...] não cabe a nós apenas lamentar as agruras e os dissabores oriundos das dificuldades que o presente impõe ao nosso trabalho. A existência desses problemas é orgânica e contínua. Precisamos, portanto, pensar em estratégias de atuação que ultrapassem os muros das instituições de ensino. Não apenas isso: necessitamos ocupar os espaços virtuais não somente flamulando nossos diplomas como se fossem bandeiras, totens de autoridade. Ter formação para falar sobre assuntos que dialogam com a academia, penso eu, é fundamental, mas não basta apenas ter o diploma, especialmente em um momento no qual a formação e o conhecimento acadêmico têm sido desvalorizados socialmente por uma série de motivos, especialmente políticos. A ocupação de tais espaços precisa ser feita de modo que seja compreensível aos públicos-alvo a importância do método científico, da avaliação de pares, da bagagem teórico-metodológica, da complexidade de debates que são constantemente vulgarizados, da necessidade de evasão de anacronismos, entre outras coisas. Mais do que entender conteúdo histórico, é preciso que o público entenda o motivo pelo qual nem tudo se encerra no campo da ‘opinião’, e que nem todas as narrativas são válidas — deve-se atentar para o método, para o respaldo em fontes, evidências e análises de outros profissionais da área (Rodrigues, 2019, p. 91).

Assim, convido à reflexão sobre a epígrafe deste trabalho. Em uma temporalidade “atualista” (Pereira, Araujo, 2019), onde o passado é constantemente evocado para legitimar aspirações mais diversas, a tarefa do historiador não é negar a pluralidade de narrativas, mas desnaturalizar aquelas que se autoproclamam absolutas. Significa, ainda, criar contranarrativas que recuperem perspectivas subalternas, claro, dentro do limite evidenciado pelo autor: “não há narrativa histórica possível com base em fatos que não existiram” (Araujo, 2024, p. 196).

Nesse sentido, a história pública digital, ao invés de representar uma ameaça à história acadêmica, deve ser vista como um terreno de oportunidades e perigos — o que não é exclusividade dessa proposta. A disseminação de narrativas históricas em novas plataformas não implica necessariamente uma diminuição da qualidade do conhecimento histórico, mas uma reestruturação dos métodos de produção e divulgação desse conhecimento. Portanto, o desafio para os historiadores é ocupar esses espaços de maneira responsável, contribuindo para um diálogo qualificado e compreensível sobre o passado.

Na sua essência, a história é um terreno de conflitos. No contexto digital, essa disputa se intensifica, demandando dos historiadores a habilidade de se comunicar com diversos públicos e de elaborar métodos para assegurar a competência de seu trabalho. Em vista disso, a história pública digital pode servir como um instrumento para a democratização do saber, contanto que seja acompanhada de uma análise crítica dos efeitos da tecnologia na formação da historicidade.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

Canal Nostalgia causa polêmica com vídeo sobre ditadura. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/canal-nostalgia-causa-polemica-com-video-sobre-ditadura/>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CARNEIRO, Anita Natividade. **A História Youtubada: A Ditadura Civil-Militar Brasileira No Youtuber**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CARVALHO, Bruno; TEIXEIRA, Ana. **História Pública e Divulgação Histórica**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

_____. Café História: Divulgação científica de História na internet. In: CARVALHO, Bruno; TEIXEIRA, Ana. **História Pública e Divulgação Histórica**. São Paulo: Letra e Voz, 2019, p. 105 – 122.

CASTRO, Rafael Dias de; RODRIGUES, Thamara de Oliveira (ed.). **História Pública e teoria da História**. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, volume 11, número 23, 2019.

DATAREPORTAL – GLOBAL DIGITAL INSIGHTS. **DataReportal – Global Digital Insights**. Disponível em: <https://datareportal.com/>. Acesso em: 13 de dez 2024.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo, SP: Boitempo, 2023. E-book.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: Digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KAKUANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 123–132, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIDDINGTON, Jill. O que é história Pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Et al. Introdução a História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52

LIMA E SILVA, Everton; FERREIRA, Andreia; SANTOS, Gustavo. trajetória do Canal Nostalgia no YouTube e o presente do mercado de produção de conteúdo audiovisual. **Paradoxos**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1–17, 2023. DOI: 10.14393/par-v8n1-2023-69834. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/paradoxos/article/view/69834>. Acesso em: 12 set. 2024.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i15.692. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 135–154, jan. 2017.

MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 66–88, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.522. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 01 jan. 2025.

NICODEMO, Thiago Lima; ROTA, Alesson Ramon; MARINO, Ian Kisil et al. **Caminhos da história digital no Brasil**. 1. ed. Vitória, ES: Milfontes, 2022. E-book.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, 2015, p. 28-51.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOSTALGIA * **HISTÓRIA**. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL2EJIPZ0iJu7JMchSngqLHyzV_sU91N7Y. Acesso em 12 de mai. 2024.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Atualismo 1.0**: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória: Milfontes, 2019.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Lembrança do presente**: ensaios sobre a condição histórica na era da internet. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: CARVALHO, Bruno; TEIXEIRA, Ana. **História Pública e Divulgação Histórica**. São Paulo: Letra e Voz, 2019, p. 73 - 92.

RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane (ed.). **História pública e história do tempo presente**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ROSA, Andreia Silvana da. **História em Tempos de Youtube**: Uma Análise Acerca da História Difundida Pelo Canal Nostalgia. 2018. Monografia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ROSENZWEIG, Roy. **Clio conectada**: o futuro do passado na era digital. Tradução de Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SAYURI, Juliana. A história é notícia: Temas históricos e o ofício do historiador em reportagens publicadas na Folha de S. Paulo. In: CARVALHO, Bruno; TEIXEIRA, Ana. **História Pública e Divulgação Histórica**. São Paulo: Letra e Voz, 2019, p. 41 - 54.

SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; XAVIER, Amanda Marques Caixeta. Entretenimento e divulgação científica no YouTube: uma análise comparativa dos canais Nostalgia e Nerdologia. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, v. 16, n. 27, p. 5–23, 25 Jun 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/16537>. Acesso em: 9 set 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, n. 79, p. 71–94, nov. 2007.

SILVEIRA, Sergio. **Democracia e os Códigos invisíveis**: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Sesc, 2019.

SOUZA, Luciano Vieira de. **Do entretenimento à informação**: uma análise das estratégias semiodiscursivas no canal Nostalgia. 2018. Monografia – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2018.

TEIZEN, Beatrice; TEIXEIRA, Lucas; *Et al. Under 30 2016*: 30 jovens mais promissores do Brasil abaixo dos 30 anos. Disponível em: <<https://forbes.com.br/sem-categoria/2016/03/30-jovens-mais-promissores-do-brasil-abaixo-dos-30-anos/#foto8>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo *et al. A História (in)disciplinada*: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. Vitória: Milfontes, 2019, v. 1, p. 245 – 271.